

# Stadium

N.º 127 ★ 9 DE MAIO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



## A equipa de Portugal no-16.º encontro contra a Espanha

*Em pé, da esquerda para a direita: — Cardoso, Tavares da Silva, seleccionador nacional, Feliciano, Valongo (suplente), Azevedo, Francisco Ferreira, Moreira e Amaro. Sentados — Espírito Santo, Gomes da Costa, Peyroteo, Quaresma e Rafael*

# ESTORIL

## COSTA DO SOL

(A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal  
Rápido serviço de combóios eléctricos

\* \* \*

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

### TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Ténis, Hipismo,  
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

### ESTORIL - PALÁCIO - HOTEL:

Moderno e elegante - Magnífica situação.

### HOTEL DO PARQUE:

Todo o conforto - Anexo às Termas.

### MONTE ESTORIL HOTEL:

(antigo Hotel de Itália)  
Completamente modernizado.

### ESTORIL - TERMAS:

Estabelecimento Hidro - Mineral  
e Fisioterápico. Laboratório de Análises  
Clínicas. Gimnástica - Massagens.

### T A M A R I Z :

Magníficas esplanadas sobre o mar.  
Restaurante - Bar.

PISCINA de água tépida - SALA DE ARMAS  
ESCOLA DE EQUITAÇÃO - «STANDS» DE TIRO

Aberto todo o ano

## CASINO:

Cinema - Concêrtos - Festas  
Dancing - Restaurante - Bars  
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol  
ESTORIL

## Grande OURIVESARIA IDEAL

DE

**Tobias & Costeira, L.<sup>DA</sup>**

Rua Regimento 19, n.º 55-57

Telef. 161

CASCAIS

SUCURSAL NO MONTE ESTORIL

Avenida S. Pedro - CHALET JOAQUIM

O MAIS COMPLETO e VARIADO  
SORTIDO EM PRATAS, OURO  
VIDROS ARTÍSTICOS  
JÓIAS e RELÓGIOS

Representantes na linha de Cascais  
dos célebres relógios

«TITUS» e «MIMO»

COMPRA OURO, PRATA e PEDRAS

PRECIOSAS pelos MAIS ALTOS PREÇOS

PREFERIR A OURIVESARIA IDEAL

É TER A CERTEZA DE FICAR BEM SERVIDO

## Sociedade Construtora Costa do Sol, Limitada

Rua Regimento 19, 55-55

CASCAIS

Telefone 161

Construções - Projectos  
Orçamentos

Compra e venda de terrenos  
e propriedades

Aluguéis de casas  
com e sem mobília  
à época ou ao ano

# Alguns momentos famosos do nosso futebol internacional

relembrados pelo dr. SALAZAR CARREIRA



A oposição lílítica do trio Raquete-Vieira-Alves...

**Q**UEM tenha vivido, como eu, intimamente ligado à actividade do desporto português, conserva sempre no espírito umas tantas recordações mais intensas, que são sempre aquelas que ocorrem primeiro quando volvemos para o passado uma interrogação saudosa.

Os motivos que as gravaram assim, com maior vigor e mais duradoura nitidez, no arquivo da nossa imaginação, podem ser vários, mas ligam-se sempre a qualquer emoção intensa, que agiu como mordente: alegria inesperada ou amarga desilusão, luta empolgante ou imagem de sugestiva beleza. Tudo isto o desporto possui e nos oferece — para relembrar mais tarde.

Quando nos encontramos com os rapazes do nosso tempo a conversação deriva para feitos antigos, as recordações saltam cantantes e frescas, como os cristalinos jactos de um repucho doirado pelo sol da saúde.

Cada um evoca seu pormenor: «Lembras-te daquêlê jôgo? E o «goal» que o Fulano marcou? A exhibição de Cícirano no encontro com os Beltranos?» As evocações seguem-se, uma, outra, mais outra, como contas fosforescentes de um rosário...

Na história já longa da internacionalização do futebol português, que acompanhei quasi ininterruptamente desde a linha inicial da primeira página, encontro, quando atiro para trás e para longe o pensamento, muitos destes episódios culminantes, que sobressaem às vezes mais pela importância que a nossa sensibilidade lhes deu do que propriamente pelo seu significado real.

Se ao acaso de uma conversação ocorre a referência ao nosso primeiro jôgo com a Espanha, em dezembro de 1921, em Madrid logo se me projecta na ideia, como a mais viva das imagens focadas, a formidável e fulminante cabeçada do médio centro Meana a marcação do primeiro ponto que sofreu o nosso grupo nacional: o árbitro castigara-nos com um livre, apontado da extrema

direita, quasi junto à linha de cabeceira; a bola cruzou por diante da baliza ao encontro da cabeça de Meana, que avançara para ela, o choque deu-se e só voltámos a vê-la no fundo das rédes.

No ano seguinte, quasi contado dia a dia, — lembram-se vocês? — o encontro repetiu-se em Lisboa, suscitando o maior entusiasmo geral. Ganharíamos? Apostava-se forte e o Artur Aires prometera uma lembrança (veio a ser um alfinete de gravata, que era um leão de ouro com um brilhante nas garras) ao jogador que primeiro batesse o famoso Zamora. Parece que estou a vê-lo... O Jaime Gonçalves, eterno gaiato, um dos jogadores mais alegres no futebol lisboeta, trazendo à ilharga o defesa Careaga, disparou um dos seus desconcertantes pontapés... e Portugal ganhava por 1-0, resultado que se manteve quasi até final, ante a expectativa do público esperançoso, e ruiu nos últimos dez minutos com dois lances felizes do avançado centro Monjardin.

Só volvidos seis anos, no mesmo campo tradicional do Estádio do Lumiar, a memória fixou outro pontapé de remate tão celebrado e entusiástico como este. Foi em 1928, o glorioso ano olímpico do nosso futebol; nem a Argentina, nem a França, em Paris, nos haviam vencido — e a Itália baqueia estrondosamente no Pôrto...

Na nossa frente, uma vez mais, as camisolas rubras de Espanha e Zamora na portaria. Estamos perdendo por 2-1, quando João Santos, frente à baliza, recebe uma bola saltitante e com um pontapé meio falhado a empurra, com pouca força mas inesperada colocação, para dentro das rédes. Não esquece mais esta imagem, porque assim conquistámos aos nossos vizinhos amigos o primeiro resultado

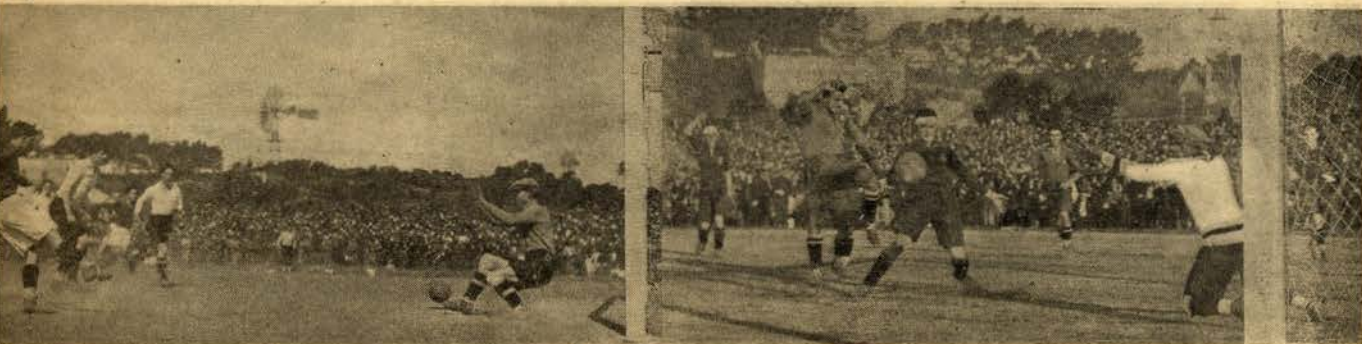


O Jaime, eterno gaiato, bate Zamora...

que não uma derrota. Para fecho da temporada, abalámos com a equipa para a prestigiosa aventura de Amesterdão, que ficará para sempre a mais brilhante página, a de maior repercussão mundial, na nossa actividade olímpica.

De lá, das longínquas e melancólicas terras holandesas, surgem dois instantâneos inolvidáveis: o esforço heróico de Augusto Silva ao marcar

(Continua na página 14)

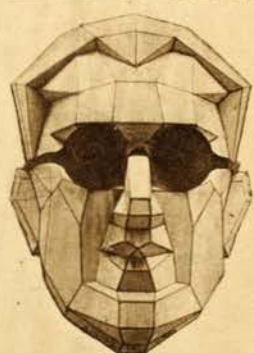


Artur de Sousa com a bola nos pés e a vitória conquistada! — João dos Santos recebe uma bola saltitante e fez o goal!

*Durante a 1.ª parte  
os portugueses perderam  
diversas ocasiões de marcar!*



1 — Feliciano devolve, de cabeça, apertado por Zarra; 2 — Pouca felicidade de Peyroteo, que remata para fora; 3 — A troca de galhardetes, entre Ipiña e Cardoso; 4 — Peyroteo e aparicio, em luta enérgica; 5 — Rafael tenta driblar Ascenso e Pedrito.



**GIL  
OCULISTA**

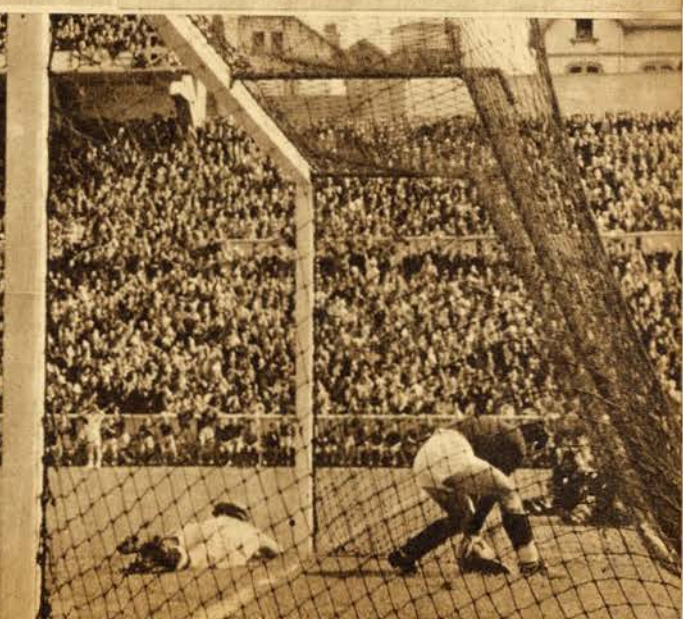
FUNDADA EM 1865  
Depositária das lentes "ZEISS"  
Binóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão  
136, RUA DA PRATA, 140  
Telefone 2 2629 LISBOA

# O Comportamento do GRUPO NACIONAL honrou o futebol *nosso*



**Imagens do XVI Portugal-Espanha**

1 — Feliciano antecipa-se a Zarra; 2 — Os marcadores dos 6 «goals»: Zarra, Peyroteo, Herre-rita e Cezar; 3 — Herre-rita, magoado, é socorrido pelos companheiros; 4 — Epi consegue desviar a bola de Francisco Ferreira; 5 — Azevedo apresta-se para defender, mas Francisco Ferreira antecipa-se; 6 — Azevedo está batido e Zarra, contente, vai buscar a bola dentro da rede



# A viagem, alegre e descuidada preparou bem o ânimo dos nossos jogadores

De longada até à Curia — Uma hora de caminho a pé — Deixa-se a terra portuguesa — Preocupações... e sorrisos — Fé e boa vontade!

**N**OVO encontro Portugal-Espanha, cartaz sempre vivo do nosso futebol — e novas aspirações, novas e justificadas anseios de vitória.

Por isso os desportistas portugueses se apaixonam por tudo que diga respeito ao jogo. Segue-se o trabalho do seleccionador, os pormenores do treino e a acção dos que dirigem...

A hora da partida, como a da chegada, minutos certos, é conhecida de ponta a ponta. A magia da bola, do desporto, criou ídolos. E ídólatras, que uma coisa não podia isolar-se da outra... Assim sendo, não admira que à partida do auto-carro onde seguiram os jogadores, em direcção à Corunha, tivessem comparecido muitos adeptos do futebol e dos seus mais representativos praticantes.

Não faltaram, claro está, gritos de entusiasmo, palavras de fé no trabalho de cada um. O ambiente clubista parou à partida dos jogadores. Nem Sporting, nem Benfica, Belenenses ou F. C. do Porto eram invocados... Para todos — entravam no auto-carro, simplesmente, jogadores de Portugal!

E assim foram aplaudidos. E assim o compreenderam muitos, de Lisboa até à Curia, da Curia até à fronteira, até à Corunha... Não se pense que o jogador não sente e não sonha com um jogo difícil. Basta assistir a um acto desta natureza para garantir a sua preocupação constante, às vezes doentia. O jogador galvaniza-se em presença de um encontro sério, de responsabilidade colectiva ou individual. Faladores, entusiastas — tornam-se graves a poucos minutos do jogo. E tudo lhes parece difícil...

— Não é verdade, Gomes da Costa?

Isto perguntámos, na hora da partida, ao simpático portuense, que vai abandonar, lamentavelmente, a prática do futebol.

— Sim, muito difícil! Palavra que estava longe de supor «isto»: ser «internacional».

Nos olhos do futuro médico há uma chama de satisfação viva. Gostou da honra, la contente. Mas, como é costume seu, pouco falador...

O mesmo não poderia dizer-se de Valongo. Fala pelos cotovelos, muito à moda do Norte — «francesinha franca...» O «ênão mas é» do Valongo passa sem glosa por parte dos colegas de viagem.

Francisco Ferreira-Espírito Santo, Barrosa-Manuel Marques, Feliciano-Rafael, Quaresma-Amaro e Catolino-Gomes da Costa, formam pares dentro da camioneta. Naturalmente. Os clubes, ao fim e ao cabo, vivem sempre na alma dos jogadores.

E assim saíram, do Cais do Sodré, cidade fóra, direitos ao Norte. Agitaram-se mãos num adeus amigo e um viva riscou o espaço, já aturdido com o barulho do auto-carro em movimento.

— Viva Portugal!

Começa aqui o filme do 16.º encontro Portugal-Espanha. O equílogo vai ter a Corunha por cenário, e nesta revista se dirá, lá mais para o fim, até que ponto esteve por nós a sorte.

Que isto, no futebol, nem sempre é preciso jogar bem. Mas saber jogar, sem dúvida alguma, categoriza antes e depois. Mesmo perdendo.

Dentro do auto-carro, à partida, havia pelo menos uma esperança: a de se demonstrar capacidade, no campo de Riazor. O optimismo seria exagerado — mas o número de descrentes não era grande. Ter fé, é meio caminho para a vitória. Esta é que também costuma pregar partidas, e às vezes bem dolorosas...

Mas estamos na Curia. O tempo voou, de Lisboa à linda estância. Quasi ninguém deu por isso e esta primeira *étape* venceu alegre a todos. Cheira a rosas, a bem estar. Apetece já ir para a piscina, mas domina a ideia do grande jogo e os disciplinados rapazes não se perturbam. Quando se lhes pede obediência — nenhum olha para trás. São admiráveis, sob tal aspecto!

## Da Curia a Valência

O horário cumpre-se à risca. Pelas 8 e 30 todos estão a pé na Curia.

Um pouco depois, precisamente às 9 e 15, como tinha sido marcado, inicia-se a segunda viagem.

Paramos um pouco em Mourisca, a terra do dr. Vicente de Melo, para recolher este dirigente. De um salto — estamos no Porto.

Gomes da Costa pede que nos demoremos o mais possível.

Mas a ordem não pode deixar de ser outra: demorar o menos que se puder...

Nesta cidade toma o seu lugar na caravana Manuel Monteiro, da Comissão Central de Arbitros.

Recolhem-se também duas bolas excelentes, de fabrico portuense.

As bolas! Vai ser um problema. Os espanhóis querem, à viva força, jogar com bolas espanholas, argumentando que são bastante melhores do que as portuguesas, e a prova está no facto dos lisboetas comprarem bolas em Espanha. Mas esta questão decidiram-se-a no último momento — e já no campo da luta, que amanhã visitamos.

Chegamos a Famalicão, que viemos encontrar em festa. E dia de feira. Almoçamos. Apareceu Rui de Araújo, antigo jogador do Sporting, e confraterniza-se. Com ele vêm saudar a equipa diversos dirigentes de Braga.

A um quilómetro de Famalicão a ordem é expressa.

Todos a pé. E começa uma caminhada em passo regular de uma hora. Faz calor. Mas as árvores protegem o caminhante. E mesmo agradável.

Os jogadores resolvem pregar uma *surpresa* ao guarda-rêdes Valongo, excelente companheiro. Deixaram-no ficar num pinhal...

sem calças nem cuecas! O auto-carro recolhe-o e a façanha é o pretexto de tódas as conversas até Caminha, onde há uma paragem, na casa do dr. Bento Coelho da Rocha, presidente da Federação, que nos recebe com requintes de amabilidade. Antes, em Viana do Castelo, o povo dispensara à selecção a mais entusiástica das recepções. Eis-nos enfim em Valença. Jantamos e vamos até à vila. É preciso evitar prolongados repousos. Rafael Ribeiro, antigo chefe da secretaria da Faculdade

de Direito e bom amigo, acolhe-nos carinhosamente na sua Terluja de Valença.

As 24 horas, os jogadores estão deitados. As camas não são lá muito boas... Não há outro remédio senão fazer cara alegre...

Em terras de Espanha...!

Começaram as preocupações... Passada a ponte internacional de Valença do Minho, nem o sorriso gentil das linhas mulheres espanholas conseguia já desviar um pensamento que se adivinhava na expressão dura de alguns elementos da caravana.

Apenas os mais alegres faziam ouvir os seus ditos de bom espírito: Valongo, não há dúvida alguma, continuava campeão. Moreira, Feliciano e Gomes da Costa, precisamente os que envergariam a camisola nacional pela primeira vez — eram os mais concentrados. Francisco Ferreira, Espírito Santo e Rafael «acompanhavam» o guarda-rêde estoriliense sempre que podiam...

E então, contando anedotas e abrindo sorrisos e gestos a muita beleza galega que se topava pelo caminho, — foi ficando para trás Pontevedra e São Tiago de Compostela. Viu-se a Corunha debruçada para um lençol interminável de água. E viu-se grande número de espanhóis e de portugueses, em largo jardim, preparados para aplaudir com entusiasmo a caravana que lhes chegava dos lados de Valença...

Os jogadores foram sacudidos pela realidade: o encontro Portugal-Espanha dominava todos os espíritos, dos mais jovens aos de maior idade. As senhoras, sempre lindas e garridas como sabem ser as espanholas, pediam autógrafos. Peyroteo, Francisco Ferreira, Amaro, Gomes da Costa, Feliciano e Espírito Santo, principalmente, eram constantemente assediados e tornaram-se desde logo muito populares.

E tudo isto teve de terminar breve. O seleccionador, por deveres naturais do cargo — indicou a todos o caminho do hotel.

— Vamos embora, rapazes. É necessário refrear entusiasmos...

Nada mais foi preciso. A disciplina, desde a partida, desde sempre, foi o lema seguro dos jogadores de Portugal. Nem um atrito, nem o mais simples ar de aborrecimento. Mas era preciso pensar no jogo...

Por isso, ao outro dia, sob as ordens de Tavares da Silva, efectuou-se um treino no Estádio de Riazor — antigo campo de Riazor, propriedade do Desportivo da Corunha, mas agora embelezado com óptimas bancadas, camarotes e tribunas.

Os portugueses estranham o piso. Mal tratado, provocava efeitos caprichosos na bola. E de contrariedade a primeira impressão entre os lusitanos...

Mas reagiu-se breve. Em presença de milhares de portugueses, chegados em toda a espécie de veículos — os nossos jogadores dão provas do seu optimismo. Transmitem-no uns aos outros. O ambiente antes do encontro é de alegria e boa disposição.

Iremos ganhar? Os jogadores, a quem tal se pergunta, não dizem «que não». O cantaro tantas vezes vai à fonte... — diz o povo. Nós, entretanto, podemos garantir que nenhum vai para o Estádio sem a fé no coração!

## As nossas separatas

**ESTAMOS procedendo à impressão das primeiras fôlhas da original série de separatas com os emblemas dos clubes desportivos do País.**

Emquanto não damos início à sua inclusão na STADIUM, podemos já anunciar aos nossos prezados leitores que outra MODALIDADE DE SEPARATAS, ABSOLUTAMENTE GRÁTIS, será eventualmente intercalada naquela:

## A Biblioteca da STADIUM

trabalho vasto, do maior interesse, dividido em diversas séries, tais como historiografia e bibliografia desportiva, etc., constituindo magnífico repositório das figuras e factos de maior relevo no desporto nacional!

### NO PRÓXIMO NÚMERO:

**A fotografia de ZEFERINO, capitão do VITÓRIA DE GUIMARÃES, última separata desta série.**

# Peyroteo fez o 1º "goal" no Riazor mas os espanhóis voltaram a triunfar

SEGUNDA-FEIRA de manhã, muito cedo, Tavares da Silva está ao telefone, em ligação com a *Stadium*. O nosso estimado companheiro de trabalho e seleccionador da equipa nacional, embora assoberbado com as preocupações e responsabilidades do seu espinhoso cargo, não quis deixar de preencher a função de redactor da nossa revista e de transmitir aos seus leitores as primeiras impressões que recolhera como crítico.

Através da nossa prolongada conversa — ele em Corunha, na bela cidade galega, onde viveu as mais emocionantes horas da sua vida no desporto, nós em Lisboa, a sentir-lhe ainda na voz a ansiedade da tarde da vespera, — recolhemos as notas que publicamos a seguir.

Tavares da Silva falou de um fôlego, rápido, as palavras a brotarem-lhe fluentemente, com entusiasmo. Não escreveu a sua apreciada crónica de sempre para os leitores da *Stadium*. Falou-lhes...

Veritiginosamente, a estenografia não deixou que se perdesse uma palavra. Só uma simpática telefonista, decerto enusada das grandes pugnas do futebol, nos interrompia com o seu aviso cronométrico — e ficava a escutar uns segundos as primeiras impressões do seleccionador nacional... A voz do nosso companheiro de trabalho perdia ligeiramente a sonoridade mas voltava pronta, com a vibração alegre de quem sabe que cumpriu bem o seu dever!

— É aí, em Lisboa, que dizem?

— Estamos satisfeitos... Todos reconhecemos que desta vez, sim, a pouca sorte trahiu o valor e a vontade do «onze» de Portugal...

Eis o que nos disse Tavares da Silva:

A primeira vista o resultado de Lisboa parece ser melhor do que o conseguido em Riazor. Há, porém, que ter em conta que os espanhóis jogaram dez vezes mais do que no Estádio Nacional! Organização, velocidade, espírito de decisão — foi esta a equipa que se nos apresentou, num ambiente galvânico. A linha média portuguesa, por exemplo, jogou em Portugal à vontade — mas não teve aqui um momento de repouso, prova da forma como se exibiram os espanhóis.

O desafio foi lindíssimo de ver-se. Não houve uma equipa que dominasse sempre, contrariamente ao que muitas vezes acontece, quando vemos um «team» ao ataque e outro à defesa. Assim, o resultado não trazia sequer o jôgo no capítulo territorial. Combateu-se e lutou-se de princípio a fim, sempre com dinâmico entusiasmo, com vibração. O «team» português nunca se afandou, foi sempre um grupo cheio de personalidade. Com 4-1 a seu desfavor, o que era um resultado de desmoralizar qualquer equipa que não estivesse revestida moralmente, que não tivesse consciência técnica, a verdade é que, repito, nunca se desmoralizou!

Jogando de igual para igual, mesmo depois dos 4-1, a primeira meia-hora foi uma verdadeira lição dos portugueses. Os espanhóis viram-se enleados pela nossa organização de ataque, em que a bola caminhava de um homem para outro, com certa geometria, numa exibição precisa de desmarcação de jôgo, que impressionou vivamente os espanhóis. Não se ouvia uma música durante essa meia-hora, até à altura em que o público compreendeu que tinha de animar os seus compatriotas, de insuflar-lhes o entusiasmo necessário para a reviravolta!

**Falhámos num aspecto: o do remate!...**

Precisamente durante essa histórica meia-hora falhámos num aspecto: o do remate. É o tradicional defeito do futebol português... Fazemos coisas lindas, muito bem ligadas, ordenadas e bem pensadas, mas na «hora da verdade», no momento do remate sofremos dessa falha — da falta do poder suficiente para traduzir na prática o nosso domínio! Mesmo assim, essa lição de meia-hora originou que o presidente da Federação Espanhola, Javier Barroso, dissesse que o futebol português tem hoje uma classe própria.

Logo que o público começa com as suas estridentes ovações, à entrada do terceiro quarto de hora da primeira parte, deu-se a reviravolta...

Foi o período de maior angústia que atravesssei. Os espanhóis, levando o jôgo por alto, confundiam a nossa defesa, que se via nas maiores dificuldades para conter a «fúria» espanhola! Os remates que a todo o momento partiam, poderiam realmente ter dado, neste período grave, a derrocada. Estive a olhar para o relógio ansiosamente, desejando que terminasse breve, que se chegasse ao intervalo, porque tinha a certeza de que a pausa seria o suficiente para voltar a dar outro matiz ao jôgo.

Foi neste período final do primeiro tempo que os espanhóis marcaram os seus primeiros dois «goals», feitos por Zarra, muito pegados um ao outro, chegando assim ao descanso a ganharem por 2-1. No recomeço, ao contrário do que nos poderia parecer, pelos antecedentes, foram os portugueses que começaram a atacar. A nossa

**embora a nossa equipa conseguisse obter o melhor resultado dos encontros efectuados até agora em Espanha**

**TAVARES DA SILVA transmite-nos as suas primeiras impressões, ditadas ainda sob o efeito da emoção causada pelo vibrante encontro de domingo**

organização de «team» manteve-se em toda a sua pureza, atacando e defendendo como se impanha. Quando beneficiados de um «penalty» — foi uma das grandes oportunidades que a partida nos ofereceu. Por infelicidade, marcado o castigo, que aliás foi de excelente execução, a bola passou quasi a razar o poste!

Perdemos, deste modo, a possibilidade de o desafio tomar o aspecto da vitória portuguesa.

Os espanhóis, chegando menos vezes que os nossos à rede contrária, mas muito decididos no remate, conseguiram mais um «goal» optimo, de Herrerrita. E depois, num «penalty», a sua quarta bola...

Nunca desanimámos, como já disse, atacando como pudemos, no desejo de reduzir o desnível de 4-1 — que representaria uma injustiça enorme!

A Espanha jogou em «fúria», em velocidade endiabrada, com excelente toque de bola, estupidamente no jôgo por alto, mas Portugal exibiu-se com melhor organização, fazendo a demonstração plena de que sabe o que é o futebol. Pormenor interessante: os espanhóis utilizaram nesta partida o jôgo de marcação, tal como é praticado pelo Sporting e pelo Belenenses.

## A influência do ambiente

Mais uma vez se demonstrou que o ambiente exerce grande influência em futebol. O público espanhol amparou a sua equipa a partir da meia hora, após o período em que ela foi dominada pelo nosso jôgo, em todos os momentos. Parece que então houve uma comunicação telepática entre a assistência e os jogadores — e as 40.000 pessoas levantaram-se por vezes dos seus lugares como uma só! Os portugueses que se encontravam entre o público ainda talvez reagir, ovacionando os seus compatriotas. É claro que o seu quente entusiasmo perdia-se no meio do clamor geral...

O «team» português correspondeu inteiramente ao que esperava dele. Tendo-se traçado um plano prévio de jôgo, soube executá-lo — e mais de uma vez se viu que no moderno jôgo de marcação há um defeito, que consiste na indecisão dos seus componentes entre irem à bola ou não se afastarem do jogador que lhes cabe marcar. Daqui resulta que atraindo-se o «team» dá aso a que o adversário ganhe grande vantagem no terreno.

Concluindo, pode dizer-se que, evidentemente, fizemos o melhor resultado de quantos se têm conseguido em Espanha. Até agora, em jogos no país vizinho, tínhamos 30 «goals» sofridos e 2 marcados. Quere dizer, só no jôgo de ontem tantos como em todas as outras partidas anteriores. Mas mais do que isso: deixámos esplêndida impressão pela forma como estávamos em campo.

A arbitragem exerceu grande influência no desenvolvimento deste jôgo, beneficiando o infractor — os espanhóis!

Houve uma autêntica perseguição a Quaresma, que foi punido muitas vezes sem a mais leve razão... Os espanhóis jogaram frequentemente à base da dureza — sem enfimismos, da brutalidade: os «pitons» das suas botas ficaram marcados no corpo de Peyroteo, o que prova a aspereza com que eles actuaram.

## O esforço de Peyroteo e dos seus companheiros

Mas Peyroteo foi por tudo e para todos um extraordinário jogador! Não se moveu grandemente no terreno, como é seu hábito, nem podia fazê-lo, porque foi sujeito a uma vigilância constante, em todos os momentos. Não era só um jogador que o vigiava — eram, todas as vezes, os defesas e um médio. Porque a vigilância foi sempre feita, pelo menos, por um médio e um «back». Mas esteve extraordinário em corrida sobre a bola, magnifico e portentoso no remate à baliza. Conseguiu dois «goals», o primeiro de brilhantismo sem igual, e teve vários «shots» que casaram calafrios à assistência espanhola, saindo infelizmente enfiados — mesmo a razar a trave.

Na linha avançada deve pôr-se depois em relevo a figura de Espírito Santo. Não foi um jogador eficiente — mas transportou a bola, sempre que ela lhe foi dada, em grande velocidade, internando-se no terreno, «driblando» bem e procurando passar igualmente bem aos companheiros. Causou por isso grande impressão no público espanhol.

Os interiores, tanto Quaresma como Gomes da Costa, começa-

(Continua na página 10)

EMBORA VALOROSA

A equipa de PORTUGAL  
ainda desta vez não conseguiu  
vencer a ESPANHA!



Zarra, entre Francisco Ferreira e Cardoso, procura servir os seus colegas



O 1.º «goal» dos espanhóis, marcado por Zarra.



A grande penalidade marcada por Francisco Ferreira — que infelizmente se perdeu...



Pedrito devolve a bola de boca, quando Eizalorre estava bem colocado para defender



Uma situação de aperto junto da defesa nacional



Azevedo defende uma bola alta, enquanto Cardoso segue o seu trabalho. Cezar e Zarra estão na fotografia.



Peyroteo, depois de receber a bola de Gomes da Costa, desmarca-se e obtém o 1.º «goal» português



Amaro, decidido, impõe-se a Cezar, que o carrega



Azevedo defende com segurança, enquanto Feliciano procura impedir o avanço de Zarra

A  
«IMPÉRIO»  
é a única Companhia  
autorizada a cobrir os  
riscos derivados das  
práticas desportivas.



Seja previdente,  
adquirindo uma apó-  
lice da  
«IMPÉRIO»  
— a Companhia de  
Seguros que dispõe  
de maior capital.

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO  
RUA GARRETT, 56 — LISBOA



# O torneio oficial da F. P. E.

de segundas categorias de espada

e as peripécias ocasionadas por uma desistência

**A** Federação de Esgrima fez disputar na última semana, também no Ateneu Comercial, o seu torneio de segundas categorias de espada.

Os dez atradores que compareceram deixavam prever que assistiríamos a uma boa «poule», pois o conjunto reunia, na generalidade, atradores que exibem normalmente boa esgrima. Não sucedeu assim. A maioria dos assaltos

intuição para a esgrima. Todavia, e abstraindo do resultado, Edmundo agradou-nos mais, não só por disputar os combates com maior interesse como também porque desenvolveu melhor técnica de espada. Na realidade, Carlos Gouveia Franco surge a espaços num plano inferior ao que é lógico exigir da categoria que atingiu.

Raúl Worm, do G. C. P., e António Bayard, do H. C. P., atiraram abaixo das suas possibili-



Durante o assalto entre osirmãos Edmundo e Carlos Gouveia Franco

esteve longe de corresponder àquela expectativa, decorrendo a competição com interesse de certo modo reduzido.

Observa-se nos últimos tempos, entre nós, que os esgrimistas se exibem com menor combatividade. Claro que existem excepções. Mas, de modo geral, remetem-se a prudente jogo defensivo — e começa a notar-se menos iniciativa quando se lançam ao ataque.

Este foi o pormenor que mais feriu a nossa atenção nos combates a que assistimos durante o referido torneio e, parece-nos, o que mais prejudicou os bons momentos de esgrima que se esperava da «poule».

Entre os concorrentes, Luís Beltrão, do C. N. E., afirmou progressos. Mostrou-se mais seguro, conduzindo os assaltos com certo à-vontade e maior segurança. Emílio Lino, da S. A. C. G., não se mostrou à altura de outras exhibições anteriores e José Pablo, do H. C. P., deixou de aproveitar com frequência a vantagem do seu largo a-fundo, a par de menos eficácia na colocação da ponta.

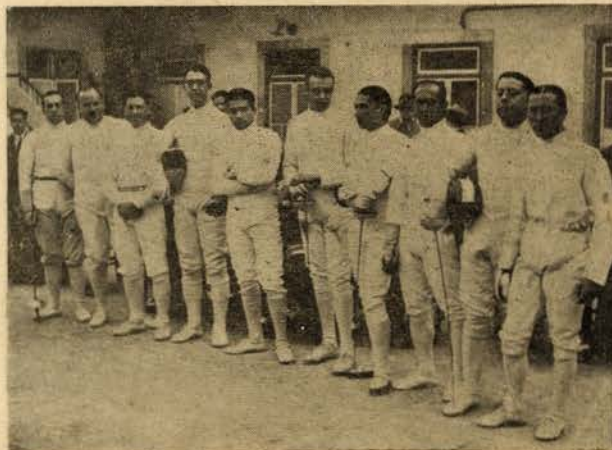
Os dois representantes do L. G. C., Carlos Santos e José Palhoto, exibiram-se desta vez melhor. O primeiro, exemplo magnífico de interesse pelo desporto das armas, há já anos em actividade perseverante, aproveitou a sua experiência da «prancha» e mostrou-se trabalhado; o segundo foi agora mais regular do que costuma.

Os irmãos Edmundo e Carlos Franco, da Mocidade Portuguesa, exibiram de novo a sua notável

idades. Worm está em más condições físicas, o que lhe reduziu naturalmente o rendimento que pode obter; Bayard atirou em tarde de inspiração nula.

Pinto da Silva, o terceiro concorrente inscrito pela sala de armas do H. C. P., sofrendo de distensão dolorosa numa perna, foi obrigado a abandonar a prova após haver feito quatro assaltos. Nestas condições, não é possível avaliar-se da sua «forma» neste momento.

A classificação não pôde ainda estabelecer-se, devido precisa-



Os concorrentes ao torneio de 2.ªs categorias de espada da F. P. E.

# No «Torneio de Preparação»

e Lisgás conquistou quasi todos os títulos

**T**ERMINOU o «Torneio de Preparação» de 1945, organizado pela A. P. L.

Este campeonato foi menos animado e atraente do que o anterior, para iniciados, e muitos amadores que participaram no primeiro não compareceram desta vez. Ignoramos se o facto é produto de quaisquer determinações ou consequência do desinteresse individual.

Em qualquer das hipóteses, a concorrência dos finalistas do «Torneio de Iniciação» teria reforçado o valor da prova. Impunha-se, logicamente, até como meio de classificação ou de recompensa e estímulo, insistir na inscrição dos primeiros vencedores...

Neste torneio de preparação, de

mente à desistência de Pinto da Silva. Ao completarem-se os assaltos da «poule», verificou-se o seguinte resultado:

Luís Beltrão, 6 vitórias e 2 derrotas; Emílio Lino e José Pablo, 6-3; Carlos Santos, 5-3; José Palhoto, 4-4; Carlos Franco, 4-5; Edmundo Franco, 3-5; Raúl Worm, 2-6; e António Bayard, 1-8.

Lino, Pablo, C. Franco e Bayard disputaram todos os assaltos previstos na «poule». Os restantes não atiraram com Pinto da Silva.

Assim, e em harmonia com a matéria estabelecida nos regulamentos da F. I. E., os atradores, divididos nos dois grupos a constituir segundo aquelas regras, terão de disputar novos encontros para definir as classificações do 1.º ao 6.º lugares.

Só E. Franco, R. Worm e A. Bayard estão definitivamente colocados na 7.ª, 8.ª e 9.ª posições.

Parcendo-nos que no espírito de alguns dos interessados subsistem dúvidas quanto a esta forma de estabelecer a classificação, aconselhamos a consulta do Regulamento da Federação Internacional de Esgrima, edição de 1940, páginas 19 e seguintes (Capítulo I, sub-título C, Provas individuais, § VIII).

modo geral, não se jogou boxe. Muita pancadaria com luvas de seis ou oito onças, imitando os seus profissionais de 3.ª série, e ausência de intuição e de inspiração durante os combates. Foram estas as notas salientes da final, realizada no recinto coberto do Lisgás.

A par disto, equipamentos e atitudes contrárias à letra do regulamento do jogo e demoras enervantes e injustificadas na sucessão dos encontros.

Temos dito e redito, com fastidiosa insistência, que, no boxe, o trabalho do punho esquerdo é essencial. Corresponde à ponta da arma do esgrimista: sempre ameaçante, móvel, provocante e pronta à detenção e ao toque. O trabalho do punho direito é complementar e executado a menor distância, como o do punhal que o espadachim segurava na mão esquerda, nos duelos da Renascença.

Ora os melhores amadores lisboetas, até João Jorge e Patrício Alvares, não mostraram conhecer esta circunstância. É certo que Alvares não se empenhou e deveria por esse motivo ter sido desqualificado, pura e simplesmente, por não defender as suas côres com o entusiasmo indispensável e característico dos amadores.

Aquela farça de poupar o colega do clube, se em Portugal não fôssemos todos boas pessoas duraria um só assalto e nada mais.

Quanto aos restantes, o grau de preparação técnica é infimo e não abona o labor dos clubes ou dos mestres.

Um núcleo abundante de concorrentes, a maioria representando uma agremiação de prestígio, compareceu com os calções ridiculamente curtos. E uma prova de indisciplina e de mau gosto.

Os árbitros também não devem consentir os abraços e apertos de mão amiguados e as charolas sem causa nem geito. Em qualquer combate de boxe os pugilistas apertam as mãos antes e depois do combate. Todos os gestos e atitudes a mais são inestéticos e provas de mau gosto ou de falta de educação desportiva.

Registe-se, porém, que estas nossas palavras pretendem esclarecer os amadores e os dirigentes. De modo algum desejamos amesquinhar-los por factos cuja razão de ser é involuntária e vem de outras eras. No entanto, é conveniente corrigir sem demora tudo o que reduz a sobriedade do jogo.

Os resultados técnicos foram os seguintes:

Em mínimos venceu Armando Costa (Lisgás) sem competidor. Efectuou extra-campeonato um combate contra José Martins Amaro (Chelense), que faltara à pesagem e fôra excluído. O vigor e resistência de Costa forçaram Amaro a desistir no 2.º assalto. Grande desproporção física entre ambos. Em levíssimos, Manuel Martins (Lisgás) ganhou a Agostinho Pacheco (Gimnásio) por pontos. O concorrente do Gimnásio

(Continua na página 14)

# A "SEMANA DESPORTIVA" do Lisboa Gimnásio Clube decorreu com o maior brilhantismo

# O XVI PORTUGAL-ESPANHA DISPUTADO NA CORUNHA

(Continuação da página 7)

ENTRE nós há colectividades que existem normalmente para a prática do desporto de competição, por vezes com demasiada preocupação de conquistar trofeus. Mas há outras que se dedicam de preferência ao ensino metódico da ginástica. Aquelas estão mais adaptadas à função de clubes desportivos. As outras são, em boa verdade, institutos particulares de educação física. A prática dos desportos, é acessoria; serve principalmente para completar e prolongar a actividade das suas escolas — e dos seus alunos. Quando se movimentam, quando aparecem, é em geral para mostrar como se ensina, e se aprende — e como a ginástica produz excelentes resultados na sua população associativa. Não arrastam multidões. Não fazem vibrar o grande público. Mas fazem obra mais produtiva. São mais úteis à formação da gente nova. Preparam melhor a mocidade de amanhã. Tem missão mais alta — e mais profunda.

Pertence a este número, reduzido mas brilhante, o Lisboa Gimnásio Clube, com uma acção local que tem mais de um quarto de século. Começou no Bairro Andrade e não saiu ainda daquele bairro. Mantem-se fiel às suas tradições — em local e nas directrizes. Melhorou, no entanto, as instalações, para tornar mais ampla a acção que constitui a principal razão da sua benemérita existência. E sente a precisão de o mostrar e proclamar.

A esse objectivo se destinou a sua iniciativa mais recente — a «Semana Desportiva». Tem-na organizado, todos os anos, com as mesmas características — mostrar ao público lisbonense como se trabalha no Lisboa Gimnásio, nas secções em que funcionam escolas ou classes. Durante uma semana, toda a gente pode entrar no clube. É uma exposição — para ver e

crer... Este ano serve também para mostrar como o Lisboa Gimnásio se desenvolve, dentro de receitas que não são muito elevadas. A sede está de facto melhor — mais vasta e mais clara.

Dentro desta orientação, a «Semana Desportiva» do Lisboa Gimnásio incluiu uma série de palestras de propaganda, com exhibições de todas as classes de ginástica e de várias modalidades desportivas com escola dentro do clube.

A «Semana Desportiva» desportou assim justificado interesse, que constituiu um belo êxito de propaganda — entre os professores, entre os alunos e no público.

Correspondeu sempre ao seu objectivo. Tudo correu bem. As classes exhibiram-se com gallardia. E o público deve por isso ter saído satisfeito. Não se aborreceu. Foi uma lição — na prática.

Na série de palestras, falaram três jornalistas e um médico. O nosso colega Raúl de Oliveira, director do novo tri-semanário «Mundo Desportivo», analisou em especial a obra do Lisboa Gimnásio e a necessidade que tem de alargar cada vez mais as suas instalações, para realizar melhor a sua obra educativa; o dr. José Pontes, ilustre presidente do Comité Olímpico, jornalista e médico, referiu-se em particular aos benefícios da Educação Física na mocidade; o dr. Gonçalves Coelho, médico distinto do Lisboa Gimnásio, analisou, brilhantemente, a função e os resultados das escolas que o clube mantém; e Avelar Machado, nosso prezado camarada, com uma obra de relevo na *Stadium* e na esgrima nacional, dedicou a sua palestra à propaganda da esgrima como desporto, analisando as suas características e vantagens e realçando o caminho que o Lisboa Gimnásio tem dedicado sempre ao mesmo desporto.

(Continua na pág. 14)



Durante a «Semana Desportiva» do Lisboa Gimnásio, o nosso camarada Avelar Machado profere a sua palestra sobre esgrima, e convile do dinâmico instituto de Educação Física

ram magnificamente, no seu duplo papel de ligação, defendendo até e transportando o jogo de trás para diante; embora depois, pelo tempo fora, se tivessem por vezes «embralhado» com a bola, estiveram activos, com excelentes jogadas de pormenor.

O extremo esquerdo, Rafael, não deu por ventura o rendimento que se esperava, mas com o seu interior fez a espaços combinações de bom efeito, dispondo freqüentemente do médio contrário — fazendo dele o que queria em certos momentos do jogo.

A linha média formou-se, na primeira parte, com Amaro, Moreira e Francisco Ferreira. Não se julga que a circunstância de ter trocado Moreira com Ferreira, no segundo tempo, seja prova de o primeiro ter fracassado. A verdade é que essa resolução foi tomada pelo facto de reconhecer que Moreira nem sempre cobria satisfatoriamente o interior Herrerita. O certo, porém, é que o rapaz passou bem a bola aos seus companheiros e lutou com ânimo. Na segunda parte, quando a sua função foi a de cobrir o extremo, jogou excelentemente, dando, em passos compridos, a bola ao ataque. Francisco Ferreira, que a maioria dos portugueses presentes em Riazor diz ter jogado menos do que o seu normal, esteve para mim francamente bem. É preciso ver que ele foi muito mais «apertado» do que em Lisboa, nunca tendo faixas livres de terreno e sendo obrigado a conquistá-lo palmo a palmo.

A linha da defesa portou-se à altura das circunstâncias. Feliciano, na sua estreia como internacional, ganhou as esporas de ouro! O avançado centro espanhol, Zarra, conseguiu dois «goals» por ventura em dois momentos de menor atenção da parte deste nosso «back», mas Feliciano fez com que o mesmo Zarra não jogasse durante quasi todo o desfalco... Tanto que a figura daquele avançado espanhol diminuiu. Na disputa de bolas altas, com vantagem algumas vezes, esteve valente e decidido em todos os momentos. Cardoso também se portou muito bem. Rápido na antecipação e com bom despacho da bola. Azevedo tem a sina de não nos proporcionar grandes exhibições quando joga contra a Espanha... Nam dos «goals» a bola saltou-lhe das mãos. Em todo o caso, redimiu-se brilhantemente em lances de boa visão, com a sua característica agilidade, inutilizando inúmeros ataques espanhóis.

### Os espanhóis que se distinguiram

Nos espanhóis, o melhor jogador foi Herrerita — e não só dos espanhóis, mas dos vinte e dois homens em campo. Trata-se de um jogador de génio, estapando de execução e rapidez, com lances da melhor visão — e é ele só capaz de desarticular um plano defensivo.

Enquanto na primeira meia-hora o nosso sistema defensivo se manteve íntegro, Herrerita não foi muito notado, mas depois, escapando-se para um e outro lado, fugindo à vigilância dos nossos, desarticulou um pouco aquêlê nosso sistema. Tornou-se temível em todas as circunstâncias.

Na linha da frente há que salientar ainda Zarra e Gainza, um jogador extraordinário. Coisa curiosa: Epi jogou muito pouco. Cezar, que fôra o mais saliente jogador espanhol no Estádio Nacional de Lisboa, não conseguiu brilhar desta vez... O seu camarada Herrerita ofuscou-o por completo.

### Algumas opiniões de individualidades espanholas

Javier Barroso, presidente da Federação Espanhola:

«Têm 'um bom futebol! O «team» jogou mais do que em Lisboa. Mostrou classe. Peyroteo simplesmente espantoso! Muito bem a defesa e a asa esquerda. A linha de Espanha bem ao ataque.»

Luis Colina, dirigente espanhol:

«Foi a vez em que gostei mais de ver jogar Portugal. Se rematasse mais... teriam ganho o desafio! Em Espanha havia um optimismo exagerado. Acreditava-se que a vitória seria grande, mas essa ilusão foi logo desteita na primeira meia-hora. Para mim, Portugal jogou mais do que a Espanha. Herrerita fez um jogo formidável!»

Jacinto Quinceos, seleccionador nacional espanhol:

«O «team» português jogou mais do que em Lisboa. No começo do desafio esteve magistral! Cheguei a pensar que a vitória me fagiria... Os melhores portugueses foram Peyroteo e Espírito Santo. O resto — num plano igual. Dos espanhóis, todos muito bem.»

Fernandez Cuesta, director da «Marca»:

«O partido não teve comparação com aquêlê que Portugal disputou em Lisboa. A Espanha jogou à sua maneira e dentro do seu processo alegre e em «lúria». Portugal suportou bem o nosso ímpeto e soabe também atacar. Os melhores portugueses: Peyroteo, Feliciano, Amaro e Espírito Santo. Nos espanhóis salientaram-se Herrerita, Aparicio, Ipiña e Zarra.»

Rienzi, conhecido crítico:

«O «team» português fez um partido magnífico! Se não tem falhado aquêlê «penalty», o momento crucial da equipa de Espanha, o resaltado deveria ter sido outro. Os melhores espanhóis foram Herrerita, Zarra e Aparicio. Entre os portugueses: Peyroteo, Cardoso, Quaresma e Espírito Santo.»

# LEVI VENCEDOR DE VALDÉS

conquistou uma  
vitória sem  
brilantismo

Crônica de  
R. BARRADAS



O espectáculo realizado no Estádio Mayer condensava-se todo na reaparição de Beny Levy, cuja ausência voluntária das lides boxísticas se destinou a cimentar um retorno de «forma» de molde a reconquistar a fama das épocas anteriores. Apesar do escrúpulo que pôs na realização dos seus fins, o moçambicano deixou desludidos os admiradores, arrancando por um fio a vitória pontual, por margem escassíssima, a ponto de muita gente a supor generosa e injusta.

A decisão de empate, que a opinião pública perfilha como mais equitativa, não sendo falha de sentido, pecaria, porém, por diversos motivos.

Levi dominou nos 1.º, 5.º, 6.º, 9.º e 10.º assaltos, não só porque foi o atacante como pela quantidade de golpes que aplicou e pelo vigor dos mesmos golpes.

Com uma queda fulgurante no 1.º assalto, a adicionar a outras circunstâncias posteriores, a sua vitória não se nos afigura tão escandalosa como outras que temos visto proclamar nos nossos rings. O que perturbou a maioria dos espectadores foi a incapacidade manifesta de Levi no jogo de longe, as suas lentas reacções reflexas e a sua sensibilidade ao receber golpes. Por outro lado, não observou o empenho com que o espanhol evitava o castigo no corpo-a-corpo, sem no entanto conseguir furtar-se a ele.

Foi um combate sem beleza e pouco emotivo. Quanto a Levi, devemos reconhecer francamente que não é já o pugilista de outras eras. Está no ramo descendente da carreira, que segue em declive suave mas infalível. Poderá ter, ainda, alguns assomos de retorno ao passado, mas serão breves e escassas cintilações, sem continuidade.

No entanto, se ainda joga de igual para igual contra um pugilista espanhol do mesmo peso e de 2.ª série, ninguém tem o direito de não lhe atribuir crédito.

Onde estão os outros pugilistas nacionais com tanta capacidade? Por enquanto não os lobrigamos.

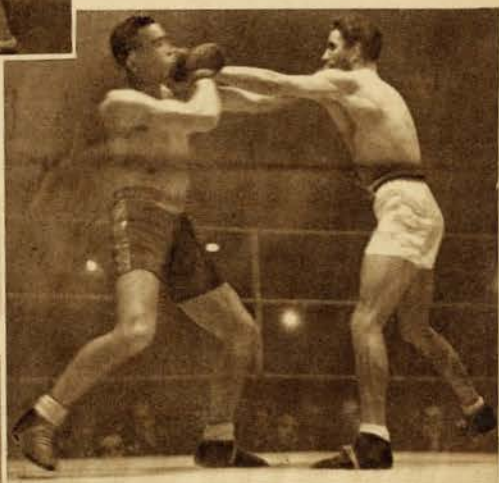
Mas, poderá Levi dominar ainda os acontecimentos e demorar a sua queda? Evidentemente.

Se fosse um pugilista científico e combatente esgrindo com os punhos e com o cérebro, fá-lo-ia com facilidade. Mas é um lutador, cuja maneira volunta-



## INSTATÂNEOS DAS LUTAS

Algumas fases dos combates Beni Levy-Valdés, Kid Santos-José Luis e Larzem-Albarran



O espanhol fez o que pôde para ser desclassificado: cotoveladas, cabeçadas, joelhadas, etc. Lento a movimentar-se e a esquivar, encontrou no antagonista um adversário semelhante.

A vitória do português foi justa mas o seu trabalho deixou-nos frio e sem entusiasmo.

Quanto a Figueiredo, não correspondeu o seu comportamento aquilo que dele esperávamos. É certo que Mateus tem muita prática e é batalhador em extremo e, por isso mesmo, difícil para os melhores

da sua categoria. O combate foi rude e duro, não se poupando os homens ao castigo nem perdendo tempo com floreios.

O empate correspondeu ao trabalho dos dois pugilistas e aos seus presentes méritos. Kid Santos, o mulato angolano, é uma hipótese, por enquanto. Sem experiência nem forte convicção, empatou com José Luis, que é dos mais irregulares e hesitantes profissionais portugueses.

A abrir a sessão lutaram Sousa II e o espanhol Quintas. Combate frouxo e cheio de irregularidades, cujo termo constituiu alívio. O visitante só está capaz de ser «cavalão de ensaio» das nossas terceiras séries.

As arbitragens e as decisões aceitáveis, aparte o aviso público de Araújo a Valdés, que não cometera falta merecedora de tal punição.



# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**HIPISMO:** 1 — Flagrante aspecto da chegada da 3.ª corrida de domingo da «Reunião da Primavera». **ATLETISMO:** 2 — Os concorrentes ao treino do C. I. F.. **NATAÇÃO:** 3 — Grupo dos nadadores que tomaram parte no festival de abertura da época. **CICLISMO:** 4 — Os corredores portugueses que vão disputar a «Volta a Espanha» fotografados à sua partida, no sábado, na estação do Rossio. **PUGILISMO AMADOR:** 5 — Os vencedores do «Torneio de Preparação» da A. P. L.. **FUTEBOL:** 6 — As equipas dos vendedores de jornais de Lisboa e do Porto, que disputaram um animado encontro na capital do Norte, ganho pelos primeiros.



CASA DO CHUMBO  
TORNEIRAS  
LOUÇA SANITÁRIA

**António Carlos**

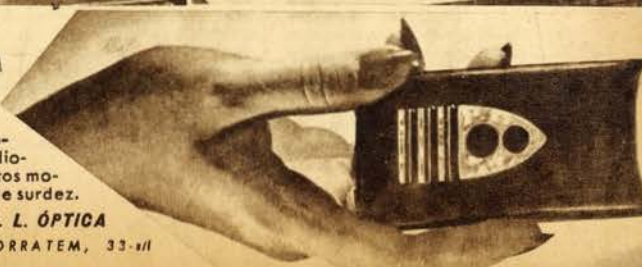
Rua da Boa Vista, 184  
Telefone P. B. X. 6.0371  
L I S B O A

## SURDOS OUVEM BEM COM **SONOTONE**

Não é usado ao acaso. É adaptado de harmonia com os audiogramas respectivos. Existem muitos modelos para os diferentes casos de surdez.

Experimentem-no **AGÊNCIA C. P. L. ÓPTICA**

na PÓCO DO BORRATÉM, 33-111



# BARREIRA DE SOL

Algés, 3 de Maio

○ insigne «caballista» jezeano D. Alvaro Doméq soube conquistar facilmente o público lisboeta, tão cioso das suas exigências em matéria de toureio equestre. A alegria «campera» do seu estilo andaluz e o perfeito domínio das suas «jacas», admiravelmente ensinadas, fizeram render os mais intransigentes adeptos de uma escola que teve a sua época, aliás brilhante.

D. Vasco Jardim, que representava dignamente a cavalaria portuguesa, teve de se defrontar com dois touros de Palha que pouco se prestavam para luzimento.

A Pepe Dominguin, já aplaudido dos nossos públicos, tocou em sorte o melhor touro da tarde, verdadeiro touro «de bandeira», um dos seis belos exemplares procedentes da «vacada» de D. Juan Belmonte, todos eles do melhor tipo de touros de lide. Dominguin bandarillou com facilidade, não passando de vulgar o seu trabalho de capote e muleta.

Pepin Martin Vasquez, um «niño» que está escalando resolutamente um dos primeiros postos da «toreria», prejudicado pelo vento e desfavorecido no reparto, deu-nos a emoção de três excelentes pares de bandarilhas a «quebro» e o grato sabor da melhor escola sevillana, com o admirável «temple» e mando das suas verónicas, a graça das suas «chicuelinas» e o domínio da sua muleta de autentico «maestro».

Os forçados amadores de Santarem pegaram valentemente de cara os touros de cavalo. — J. E.

## LEMBRAM-SE VOCÊS?

(Continuação da página 11)

o ponto que elimina a Jugoslávia e a oposição titânica do trio defensivo Roquete — Vieira — Alves ao assalto avassalador dos chilenos e que foi o foco incitante da confiança, do entusiasmo que permitiu a vira-volta de uma situação que parecia irremediavelmente perdida.

Correm os anos — anos vários na sorte, na orientação do destino, no tempestuoso agitar das lutas da política desportiva.

Hora grave. Cartada difícil. Por isso não se olvida aquele pontapé...

A Bélgica visitara-nos em 31 de Maio de 1931 e haviam desertado do grupo nacional alguns dos mais fecundos alfôres de bons valores. Era difícil ganhar — mas precisávamos de ganhar. E ganhámos!

Três-dois, ao acabar o jogo; mas a um quarto de hora do final perdíamos por 1-2 e o empate tentava depois em manter-se... Minutos decisivos... Artur de Sousa com a bola nos pés — e a vitória conquistada!...

Como estas recordações, tantas outras possíveis. Recordações minhas, que certamente vão despertar outras, diferentes, em quem as lêr. Ninguém vê da mesma forma o mesmo acontecimento desportivo e na alma de cada desportista florescem suas saudades, saudades diversas, saudades do mesmo delicado encontro.

Mais um popular Internacional de futebol

# FRANCISCO ALBINO

vai despedir-se da actividade no domingo

○ futebol português vai registar mais uma despedida — jornada de saudade por ver afastar-se um elemento de valor, mas também de apoteose ao homem que durante dezoito anos de actividade reteve uma popularidade conquistada com alegria e inteligência.

Francisco Albino, êsse garoto que um dia apareceu no campo das Amoreiras olhando embeve-



○ popular Albino no dia de sua estreia como internacional

cido as bolas pontapeadas pelos grandes dêsse tempo, vai abandonar a prática do futebol de compe-

tição. E mais um campeão que septe chegar a sua hora, sabendo ceder o lugar aos novos valores que surgem. O Albino do Benfica, dos mais populares jogadores que têm passado pelo clube, retira-se. Não esconde a máguá dêste momento mas imobiliza-se com justificado orgulho, próprio de um campeão que sabe valorizar todos os seus actos de desportista. Amante da ideia desportiva, Francisco Albino leva consigo a recordação de umas dezenas de anos dedicados de alma e coração à modalidade que desde muito miúdo o cativou — o futebol — e ao clube que nele teve um leal e sincero amigo.

O nome de Francisco Albino fica ligado à história do Benfica com dignidade. Traduz fielmente o verdadeiro amigo da colectividade, ano após ano, dando todo o esforço e entusiasmo, numa entreada valiosa, para a construção firme dêsse monumento de desporto que se chama o Benfica.

Albino, pôsto em foco neste momento de despedida, recorda-nos o período magnífico que teve o futebol português, cheio de sinceras dedicações e de verdadeiro amor clubista. E' quasi dos últimos, senão o último. Por isso, a sua festa de despedida vai ter significado especial. Nesse momento hão-de todos saber dizer ao popular jogador a gratidão e o elogio que conquistou.

## ○ «Torneio de Preparação»

(Continuação da página 10)

sio descobre muito a linha baixa e queixa-se de um golpe ao abdomen que não se viu. Martins ataca entrando quasi sempre de cabeça, irregularmente. A vitória, sem discussão.

Nos meios-levés, João Jorge (Lisgás) dominou Artur Silva (Rio Janeiro) depois de um assalto suplementar, que era desnecessário. O vencedor usou e abusou da combinação «esquerdo-direito», com

## A «Semana Desportiva» do Lisboa Gimnásio

(Continuação da página 11)

Durante a «Semana Desportiva» do Lisboa Gimnásio, fizeram-se demonstrações nas seguintes classes de ginástica: educativa (classe infantil mista, meninas, meninos, rapazes, senhoras e homens), aplicada (argolas, paralelas, barra fixa, mesa alemã e vãos à Leotard) e dansa rítmica. Em desporto, fizeram-se exhibições de luta greco-romana, jogo de pau, boxe e esgrima. Foi todo o repertório, dentro do clube.

No fim, ficou a impressão de ser pena que a semana não tivesse mais de sete dias... Talvez que o Lisboa Gimnásio pudesse descobrir novos motivos para afirmar a sua vitalidade. Os que vão apontados bastam, no entanto, para que se dispensem ao Lisboa Gimnásio francos elogios, por tudo quanto fez e faz na propaganda da educação física e dos desportos.

M. de O.

monotonia. Um homem experiente contra um rapaz inexperiente mas corajoso. Decisão justa.

Nos leves, João Candido Ramirez (Matadouro) derrotou Manuel do Espírito Santo (Lisgás) por pontos. O vencedor pareceu-nos um meio-médio. O vencido não assentou num plano de batalha; esqueceu-se de que os homens baixos devem combater os altos em swings à cara, entrando em guarda baixa no terreno da guarda adversa. Fez o inverso, isto é, jogou de longe e em directos! Poderia ter trabalhado mais. O vencedor, sem vontade de se aplicar ou sem energia, contentou-se em vencer por pontos.

Nos meios-médios, Patrício Alvares (Lisgás) bateu Apolino Soares (Lisgás) por pontos. Soares, que viramos no «Torneio de Iniciação», fez uma exhibição com o colega de clube...

Nos médios, António Campos (Matadouro) venceu Sá Nogueira (Lisboa Gimnásio), por pontos. Foi o melhor combate da noite. Nogueira, embora lento, aplicou bons swings na cabeça e prestou-se a algumas investidas do punho direito contrário. Nogueira, calmo e indiferente, empregou-se e fez o que pôde. Vitória justa.

As arbitragens, confiadas a alguns profissionais, pecaram por pouco atentas em certas ocasiões.

No final, o sr. general Manuel Latino distribuiu medalhas e a taça que ofereceu para o torneio antecedente, tendo sido muito festejado pelo público.

RAFAEL BARRADAS

## A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO  
PARA TODAS AS  
APLICAÇÕES

A casa que oferece  
melhores preços e serve com  
a maior rapidez

Avenida Almirante Reis, 6  
Largo do Intendente, II a 17  
Telefones: 46186, 46187 e 51146  
LISBOA

ARMAZÉNS  
DA RUA PALMA  
LOPES & PINTO Lda.

Rua da Palma, 118 a 124  
LISBOA  
Telefone 2 8551

Mobiliás em todos os  
estilos

Móveis, Mapas,  
Estofos e Decorações  
Novas remensas  
de estamíns suíças  
Damascos, Veludos  
e Cretones

## Assine a STADIUM

Armazéns  
DO AMPARO  
SÓCIO GERENTE  
CARLOS JOSÉ DOS SANTOS

Fanheiro, Retroseiro, Comiseria  
Gravelrio, Meias e Peúgas —  
Melhas de lã e algodão — Fazen-  
das de lã — Sodes

35, Rua do Amparo, 37  
Telefone 2 8418  
LISBOA

Ano III — II Série — N.º 127  
Lisboa, 9 de Maio de 1945

Stadium  
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:  
Dr. GUILHERMINO DE MATOS  
Propriedade da  
Sociedade das Revistas Gráficas, Lda.  
Redacção e Administração  
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
Telefones 51146 — LISBOA  
Execução gráfica de  
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Stadium

**Empresa  
Nacional de  
Aparelhagem  
Eléctrica**

Av. 24 de Julho, 158

Telefone: 6 2177 - 6 2178  
Telegrama: LAMPAR

Motores, geradores  
e transformadores

**ENAE**

Lâmpadas  
**LUMIAR**

**H. VAULTIER & C.<sup>a</sup>**

**Máquinas  
e acessórios  
para a indústria**

CASA FUNDADA EM 1897

**Precisa de  
Dinheiro?!**

Não sabe como resolver  
as suas dificuldades?

**Jogue  
na Lotaria**

mas prefira o jogo  
com o carimbo da casa

**GOUVEIA  
& SILVA**

Sucessores:  
Eduardo Dias Neves, Lda.  
Rua da Assunção, 84-86



**TUDO PARA  
AUTOMÓVEIS**

Pneus - Camaras

Batarias - Esponjas

Camuças - Ferramentas

Remendos a Fôgo

Lâmpadas para automóveis - Óleos

Massas consistentes - Valvulas

**ACEITAMOS:**

BATERIAS para reconstruir  
e PNEUS para recauchutar

**38 e 40, RUA DO SACO  
AO CAMPO DE SANTANA  
TELEFONE 41579**

**Comp.<sup>o</sup> de Seguros  
BONANÇA**

FUNDADA EM 1808

A MAIS ANTIGA COMPANHIA DE SEGUROS PORTUGUESA



Seguros de:  
**Fogo  
Marítimos  
Agrícolas  
Acidentes  
Pessoais**

**Rua Aurea, n.º 100  
Telefones: 25891 e 26765**

# Stadium



## A equipa de Espanha no 16.º encontro contra Portugal

*Em pé, da esquerda para a direita:— o maçoagista do grupo, German, Martorelli, Ascenso, Ipiña, Pedrito, Eizaguirre e Aparicio.  
De joelhos:— Epi, Herrerita, Zarra, Cezar e Gainza*